

O CANTO DA ODISSÉIA E AS NARRATIVAS DOCENTES: DOIS MUNDOS QUE DIALOGAM NA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO

CYNTIA SIMIONIF RANÇA¹

Focalizo historicamente uma pesquisa em nível de doutoramento desenvolvida por um projeto de formação intitulado “O Canto da Odisseia e as Narrativas Docentes: dois mundos que dialogam na produção de conhecimento”, sob a orientação da professora Maria Carolina Bovério Galzerani, ligado ao Grupo de Estudos em Educação Continuada (GEPEC), da Faculdade de Educação da Unicamp, e ao Grupo de Pesquisas Kairós: história, memória e sensibilidades, do Centro de Memória da Unicamp, ambos em Campinas, no Estado de São Paulo.

Esta pesquisa/ação (ELLIOT, 1998; GERALDI, FIORENTINI E PEREIRA, 1998) se constituiu com a participação de professores da educação básica que aceitaram o convite de narrar coletivamente as suas experiências vividas. Desenvolvi o projeto, nos períodos de setembro a dezembro de 2014, com encontros semanais, na Escola² Estadual Barão do Rio Branco, na cidade de Londrina, no Estado do Paraná.

Durante os encontros com os professores, estabeleci um diálogo com as preocupações do filósofo Walter Benjamin (1985) sobre as relações entre memória, experiência e narrativa, na modernidade, em especial a partir do final do século XIX. Refletindo sobre o texto “O Narrador” e “Experiência Pobreza”, Benjamin nos alerta sobre o desaparecimento da experiência na modernidade concomitante ao declínio de

¹ Doutoranda na área Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte, vinculada ao Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Educação Continuada (GEPEC) e Kairós: história, memória e sensibilidades, ambos da Unicamp. Professora da Unopar (Universidade do Norte do Paraná)

²As reuniões foram realizadas nesta escola, embora apenas três professores lecionassem neste espaço escolar, porque faço parte do grupo de pesquisa do Mestrado em Metodologia do Ensino, Linguagens e suas Tecnologias, da Universidade do Norte do Paraná, instituição em que trabalho há sete anos como professora de história da graduação do curso de História e Pedagogia. A instituição mantém parceria com a escola, no sentido de desenvolvimento de atividades com os alunos e também com os professores. Este curso de mestrado utiliza uma sala na escola para trabalhar com projetos de pesquisa ação durante todo o ano letivo. A coordenadora do curso de mestrado e a professora coordenadora do Projeto “Professor Seu Lugar é Aqui” aceitou realizar a parceria com a Unicamp para o desenvolvimento do meu projeto sob a orientação da professora Carolina Bovério Galzerani que vem ao encontro das reflexões que venho construindo junto ao projeto “Professor seu Lugar é Aqui”. Neste sentido, fizemos o convite para os professores da instituição na área da história, porém, professores de literatura tiveram o interesse em participar, ampliando assim, a participação de outras áreas do conhecimento. Portanto, duas professoras da escola ministravam a disciplina de português, nesta escola e seis professores vieram de outras escolas e eram formados todos em história e lecionavam na mesma disciplina. Sendo estes, os protagonistas junto comigo dessa viagem.

narrar. Pode-se dizer que com o avanço do capitalismo, esgarça-se a vida coletiva, o respeito às experiências dos anciãos bem como a cadeia temporal. Passa a prevalecer a vivência, modo que leva ao despojamento da imagem de si e do outro, perda da memória quando o passado não é mais referência de continuidade e os sujeitos são atropelados pelo tempo do relógio. Isso faz com que Benjamin busque novos percursos, no texto “O Narrador”, como uma tentativa de pensar: de um lado, o declínio da experiência - *Erfahrung* e das narrativas tradicionais, do outro lado, a possibilidade de encontrar e/ou (re) inventar narrativas diferentes das baseadas nas vivências, no sentido alemão (*Erlebnis*).

De forma concomitante a essas reflexões, ampliamos o debate, revisitando o historiador Edward Palmer Thompson, em sua obra “Miséria da Teoria” (1981), na qual o historiador explicita sua concepção de produção do conhecimento histórico. Para Thompson, a produção do conhecimento ocorre por meio do olhar atento e cuidadoso do historiador com suas evidências. Interessa nesse processo de produção, o pesquisador abarcar as especificidades, as particularidades, pois é onde encontramos as experiências humanas (história real) e não nas teorias. As ideias desse historiador é um diferencial para essa pesquisa, no sentido de trazer a relação dialógica como o fundamento para a produção de conhecimento histórico, ou seja, o diálogo entre empiria e teoria e teoria e empiria, sem sobreposições.

Escolhi também para dialogar nessa pesquisa, a obra *Odisseia*, do autor Homero, datada do século VIII a.C., traduzida por Antônio Pinto de Carvalho, pois entendo que se constitui como um importante documento histórico (THOMPSON, 1981) para a construção coletiva desse trabalho. Apostei que essa obra literária seria um documento potencializador do processo de rememoração das experiências vividas dos professores. De certa maneira foi uma ousadia a escolha dessa literatura, pois tivemos um exercício constante de diálogo e de procura de relações junto com os professores, mas ao mesmo tempo, um documento histórico fértil para a produção de conhecimento, quando percebi que os professores realizaram uma viagem alegórica pela *Odisseia* e se inspiraram nas searas da vida de Ulisses para a produção de suas narrativas orais que foram compartilhadas nos encontros e narrativas escritas individuais, das suas experiências no tempo e no espaço.

Tive como base a estratégia usada por Benjamin que procurou a literatura como um meio para desvelar as mentalidades que atravessaram os séculos XIX e XX,

também acreditei que a Odisseia fosse uma produção capaz de engendrar sensibilidades, e estimular as memórias dos professores.

Nessa pesquisa, a literatura apareceu como desveladora do instante, aquilo que reveste a linguagem como memória apresentada por “imagens³”. Literatura e imagem assumem funções distintas, no pensamento benjaminiano, a primeira é entendida como via de acesso ao conhecimento enquanto a segunda é o meio de alcançar e despertar um saber do passado que se encontra adormecido. Saber que é arrebatado de seu contexto por uma explosão (o movimento de formação da imagem) e trazido para o tempo do “agora” como uma imagem dialética. (BOLLE, 2000)

Neste projeto, busquei uma tessitura de experiência singular, no mundo da escola e da universidade: a realização de uma pesquisa coletiva, mediante a rememoração das experiências vividas pelos professores para a produção de conhecimento histórico educacional. Apostei no trabalho colaborativo (de fazer pesquisa com os professores e não sobre os professores), ao mesmo tempo, em um trabalho autônomo e inventivo, com a potencialidade de promover a produção de conhecimento histórico educacional, no qual o professor tem um papel de sujeito ativo.

Assim, a pesquisa teve esse desafio de ouvir vozes (professores) dispersas (sem espaços de acolhimento) por práticas culturais prevalecentes com o avanço do capitalismo.

Ao encontro das preocupações da professora Maria Carolina Bovério Galzerani (2008b) durante o percurso da pesquisa questionamos a produção dos conhecimentos que predominam nas práticas culturais na modernidade, as quais compreendem o saber escolar como inferior ao saber acadêmico, ou ainda, como se este último ocupasse a posição de produtor de verdades absolutas. Além disso, indagamos às pesquisas que são realizadas com a temática de formação de professores, tendo em vista que muitas não os reconhecem como produtores de conhecimento histórico escolar bem como diluem as dimensões espaços-temporais e trazem as informações com dados

³ Willi Bolle é um dos estudiosos de Walter Benjamin e se debruçou em seu livro a “Fisiognomia da Metrópole” (2000) a refletir sobre a acepção de imagens benjaminiana que se articula não tanto por meio de conceitos, mas por imagens. “A imagem é a categoria central da teoria benjaminiana da cultura: “alegoria”, “imagem arcaica”, “imagem de desejo”, “fantasmagoria”, “imagem onírica”, “imagem de pensamento”, “imagem dialética” (...) A imagem possibilita o acesso a um saber arcaico e a formas primitivas de conhecimento, às quais a literatura sempre esteve ligada, em virtude de sua qualidade mágica e mítica. Por meio de imagens – no limiar entre a consciência e o inconsciente – é possível ler a mentalidade de uma época” (BOLLE, 2000, p.43). É nesse sentido que vou usar a expressão imagem no decorrer da pesquisa.



supostamente neutros e objetivos, com sugestões de propostas formativas utilitaristas e imediatistas, fundadas no tempo da urgência do capitalismo. Face ao modelo mencionado, indagamos a mecanização da vida dos sujeitos (professores), condição instalada pela órbita econômica, a exclusão do “outro”, o esfacelamento dos modos de alteridade e a transformação das pessoas e dos processos formativos em mercadoria.

A partir do olhar inquieto, problematizo nessa pesquisa a racionalidade instrumental/técnica (CONTRERAS, 1994) que busca aprisionar os professores numa perspectiva de desvalorização do seu saber e nesse sentido não os considera como sujeitos, da, e na, história. Ao contrário dessa visão, trago a imagem de professor não como mero transpositor didático (Chervallard, 1995), mas como sujeito produtor de conhecimento histórico educacional (CHERVELL, LOPES 1990).

Assim, procuro com esta pesquisa contribuir para o fortalecimento da imagem do professor como sujeito ativo e intelectual em processo contínuo de formação. Formação como um processo inacabado, onde o outro é constitutivo. Formação que abarca um projeto humano emancipatório (GALZERANI, 2008a, 2004).

Problematizo, ainda, a acepção de experiências docentes concebidas no estrito limite da escola e da universidade (sem desconsiderá-las). Em movimento com as leituras de Thompson (1981) entendo as experiências como o meio pelo qual nos tornarmos pessoas inteiras. Experiências como matéria de formação, uma formação historicamente situada no tempo e no espaço, produtora de culturas, na relação contraditória, ambivalente, com “outras” práticas culturais, localizadas também historicamente. Considerando que os sujeitos se constituem e são constituídos pelas experiências em diversas situações do cotidiano, desde os acontecimentos relacionados à família, ao lazer, ao trabalho, a igreja e muitas outras possibilidades humanas. (THOMPSON, 1981; 1987)

Assim, Thompson ampliou a minha concepção de formação continuada de professores, no sentido de ajudar a me distanciar dos impositivos da racionalidade instrumental, que entende a formação estritamente ligada à escola e a universidade, bem como aos aspectos da profissão. Portanto não limito, nessa viagem de pesquisa, a acepção de experiência estritamente voltada ao campo docente, mas considero as experiências mais amplas dos professores, como formadoras, vinculadas a uma dimensão de longa duração (desde os primórdios de vida do professor), historicamente situado e, por conseguinte, formadoras.

Embora existam tendências culturais dominantes na modernidade capitalista que trazem a concepção de formação docente restrita aos espaços acadêmicos, reconhecimento e diálogo com essas tendências dominantes, com as suas resistências, e com os conflitos imbricados nas práticas de formação docentes e busco ressignificá-los nesta pesquisa. Assumindo, a partir de Thompson (1981; 1987), que dominação/resistência não são como blocos monolíticos e pertencentes a polos opostos, mas que tanto a dominação como a resistência se entrecruzam, e só acontecem pelo fato de estarem imbricadas.

É nesse sentido que a formação de professores se insere, em um terreno de lutas, de ambiguidades, de contradições, no qual as diferentes concepções estão disputando espaços simbólicos e se transformando. Essa capacidade de assimilar por meio do sentido, traz as centelhas das esperanças, os mecanismos para novas lutas e as mudanças cotidianas.

Ao encontro dessas questões propomos aos professores pensarem a sua formação em um universo ampliado acerca das suas experiências vividas, pois acreditamos sobre a importância de ultrapassar a dimensão consciente e abarcar o inconsciente. No diálogo com Walter Benjamin trazemos a sua contribuição sobre a relação entre experiência e memória. Memória que não se refere restritamente ao ato de lembrar, como algo consciente, Benjamin (1987) amplia essa imagem, defendendo os aspectos do inconsciente. Por isso, optamos durante os encontros enveredar pela via da rememoração coletiva, inspirada pela obra Odisseia.

A rememoração não consiste na reconstrução⁴ do passado no presente, mas, sim, na construção de um novo elo entre o passado e presente. Tendo em vista que a história⁵ não se repete, mas está em movimento, em construção a espera de desdobramentos múltiplos. A rememoração se dá na construção de uma história aberta, fundada na relação com o outro, em um diálogo com os estilhaços do passado,

⁴ “É importante para o historiador materialista distinguir, com máximo rigor, a construção de um estado de coisas histórico daquilo que se costuma denominar de reconstrução. A reconstrução através da empatia é unidimensional. A construção pressupõe a destruição”. (BENJAMIN, 1986: 516)

⁵ “Para o historiador materialista, cada época com a qual ele ocupa é apenas a história anterior da época que lhe interessa. Por isso, mesmo não existe para ele a aparência da repetição na história, uma vez que precisamente os momentos do curso da história que mais lhe importam tornam-se eles mesmos- em virtude de seu índice como história anterior- momentos do presente, mudando seu próprio caráter conforme a definição catastrófica ou triunfante desse presente”. (BENJAMIN, 1986: 516)

explicitando as condições, as ressignificações, trazendo a pluralidade de sujeitos articulando não apenas racionalidades, mas sensibilidades.⁶

É na relação com as diferentes temporalidades que as memórias são plenas de conhecimento e carregadas de sensibilidades. Memórias que se relacionam com o presente, em um entrecruzamento de vozes e espaços múltiplos. Uma memória que não é simplesmente racional, mas de um ser humano considerado na sua inteireza. A memória compreendida como vida e como possibilidade de expressar a experiência vivida. A memória como atividade artesanal, vinculada ao vivido, capaz de dinamizar a produção de conhecimento (BENJAMIN, 1986).

Em diálogo com Walter Benjamin, a professora Maria Carolina Bovério Galzerani traz reflexões analíticas sobre a rememoração destacando que esse ato possibilita a recuperação de dimensões

peçoas perdidas, ou no mínimo, ameaçadas face ao avanço do sistema capitalista. Dimensões psíquicas e sociais do ser humano que rememora. (...) afirmação de sua própria singularidade, sabendo-a constituída na relação, muitas vezes conflituosa, com “outras” peçoas. Ou ainda, permite o reconhecimento de que a (re) constituição temporal de sua vida só adquire sentido, na articulação com uma memória coletiva. Rememorar, além disso, para este filósofo significa sair da gaiola cultural que tende a nos aprisionar no sempre-igual e recuperarmos a dimensão do tempo, através da retomada da relação do presente, passado, futuro. (...) não significa Benjamin um devaneio ou uma evasão em direção a um passado, do qual o sujeito não quer mais emergir. (...) não se trata de não esquecer o passado, mas agir sobre o presente. (2008: 7)

Assim, rememorar para Walter Benjamin é um “ato político, com potencialidades de produzir um despertar dos sonhos, das fantasmagorias, para a construção de utopias” (GALZERANI, 2008: 21). Nesse sentido, a rememoração abarca uma dimensão subjetiva e só adquire sentido se for para construir algo no presente, ou seja, a construção de outras realidades. O professor quando rememora se enxerga mais inteiro, com potencialidades múltiplas, inventivas, criativas e singulares. Na concepção benjaminiana, rememoração remete à constituição do sujeito.

⁶ Quando mencionamos a acepção de sensibilidades dialogamos com a perspectiva de Peter Gay. A obra “Coração Desvelado” contribuiu a pensar a racionalidade estética como uma possibilidade de abarcar uma noção ampliada de sujeito, dotado de racionalidade e de sensibilidade, de emoções, expectativas, desejos, frustrações presentes nas memórias autobiográficas e nas correspondências íntimas de suas produções do século XX. O autor procura compreender o fascínio experimentado pelos sujeitos em relação a vida em todos os seus aspectos.

Ainda sobre a relação entre lembrança e experiência, Benjamin nos ensaios intitulados “Experiência e Pobreza”, “Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo” e o “Narrador” (produções de 1920 e 1930), traz a imagem de experiência como “matéria da tradição” que se constitui tanto no cotidiano particular como no coletivo, atravessada por elementos conscientes e inconscientes da memória. Ou seja, experiência que nasce das perdas, das ausências, dos destroços, do lixo, das ruínas, dos conflitos, das resistências, das ambivalências, das disputas de forças, enfim das possibilidades do fazer humano. Imagem de experiência fundada no movimento dialético entre destruição e construção e é nesse movimento que encontramos a potencialidade de produção de conhecimento histórico no projeto “O Canto da Odisseia e as Narrativas docentes: dois mundos que dialogam”.

RUMO À ÍTACA

Levando em consideração que a experiência na perspectiva benjaminiana entra em declínio ou ainda se perde gradativamente no seu sentido literal- *Erfahrung* (que repousa sobre a possibilidade de uma tradição compartilhada por uma comunidade, tradição retomada e transformada, de geração a geração, na continuidade de um conselho a ser transmitido de pai para filho), concomitantemente, com o fim da narração tradicional⁷ (como a Odisseia, em que Ulisses é o narrador épico, enraizado numa longa tradição de memória oral, que lhe possibilita a contar suas experiências em mar e terra, das quais os ouvintes compartilham da mesma linguagem e universo cultural), na modernidade capitalista, bem como as pesquisas⁸ contemporâneas sobre formação continuada de professores, têm revelado o quanto às narrativas e as experiências têm sido transformadas, abaladas face à radicalização das tendências dominantes socioculturais buscamos entender o que aconteceu com a vida coletiva? Como se perdeu a palavra comum? Os professores invocam suas experiências? Os professores compartilham do mesmo universo de práticas culturais e linguagens? O que os professores narram sobre suas experiências vividas?

⁷“O modelo originário desse tipo de narrativa é, para Benjamin e para Lukács, a Odisseia, relato exemplar de uma longa viagem cheia de proações e descobertas, da qual o herói sai mais rico em experiências e histórias e, portanto, mais sábio. É notável na Odisseia, que ao prazer de lembrar e de contar corresponde um prazer de escutar e de aprender que a nós, modernos, aparece ilimitado”. (GAGNEBIN, 2014: 221)

⁸ Pesquisas que vem sendo realizadas no grupo do GEPEC e no grupo do Kairós.

Acrescento ainda que essas preocupações estão ligadas com a minha experiência como professora de história há dezessete anos na educação básica e no ensino superior há oito anos, vivendo esse panorama catastrófico da modernidade e reconhecendo que as experiências estão empobrecidas, esquecidas, desvalorizadas, mas reconhecendo que a modernidade produz imagens ambivalentes, nesse sentido, busquei no diálogo com o pensamento benjaminiano e thompsiniano, operar nas brechas da modernidade capitalista, buscando alternativas pela via da racionalidade estética (GALZERANI, 2013; MATOS, 1989) para transformar esse cenário, ou seja, escovar a “história a contrapelo”, desenvolvendo assim, o projeto “O Canto da Odisseia e as Narrativas Docentes: dois mundos que dialogam” para (re) inventar outras formas de narração (nas ruínas da narrativa, uma transmissão entre os cacos de uma tradição em migalhas) que seja possível o intercâmbio das experiências.

A obra Odisseia possibilitou o mergulho em outras temporalidades, outras experiências, além disso, despertou “outras” sensibilidades contribuindo para que as lembranças trouxessem imagens ampliadas de experiências de formação. Esse momento foi possível pela partilha coletiva que levou ao encontro e diálogo com o “outro” e nos constituímos nessa relação. (SEIXAS, 2009) O intercâmbio das experiências vividas narradas nos permitiu o exercício de alteridade durante o processo de produção de conhecimento histórico educacional. Enfim, produzir conhecimento histórico por um viés coletivo e dialogal é um ato que nos instiga a resignificar as experiências vividas que estão prenhes de possibilidades.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **“O narrador”**, in Obras Escolhidas, V. I, Magia e técnica, arte e política, trad. S.P. ROUANET, São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. **Sobre o conceito de história**. In *Obras Escolhidas I*. São Paulo: Brasiliense, p.222-232, 1985.

_____. **Infância em Berlim por volta de 1900**. In *Obras Escolhidas II*. Rua de mão única. São Paulo: Editora Brasiliense, p. 71-142, 1987.

_____. **“Experiência e Pobreza”**, in Obras Escolhidas, V. I, Magia e técnica, arte e política, trad. S.P. ROUANET, São Paulo: Brasiliense, 1985.



_____. **“Imagens do pensamento”**, in Obras Escolhidas, V. II, Magia e técnica, arte e política, trad. S.P. ROUANET, São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. **Passagens**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG/Imprensa Nacional do estado de São Paulo, 1986.

BOLLE, Willi. **Fisiognomia da metrópole moderna**. São Paulo: Edusp, 2000.

CHEVALLARD, Yves. **La transposición didáctica. Del saber sábio al saber enseñado**. Buenos Aires: Aique Grupo Editor, 1995.

CHERVEL, A. “História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa”, in **Teoria e Educação**, n.2, Porto Alegre:Pannônica, 1990, pp.177-229.

CONTRERAS, José. **A autonomia de professores**. São Paulo: Cortez, 2002.

ELLIOT, J. Recolocando a pesquisa-ação em seu lugar original e próprio. In: GERALDI, C. M. G.; FIORENTINI, D.; PEREIRA, E. M. A. (Orgs.). **Cartografias do trabalho docente**. Campinas: Mercado da Letras, 1998, p. 137-152.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva: FAPESP: Campinas: SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1994.

_____. **Limiar, aura e rememoração: ensaios sobre Walter Benjamin**. São Paulo: Editora 34, 2014.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério; PARDO, Maria Benedita Lima; LOPES, Amélia (org). **Uma “nueva” cultura para la formación de maestros: es posible?** Porto, Portugal: Ed. Livipsic/AMSE-AMCE-WAER, 2008a.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. **Pesquisa em Ensino de História: Saberes e Poderes na Contemporaneidade**. In. SILVA, Marcos (org). Campinas, SP: Papyrus, 2013.

_____.Memória, história e (re) invenção educacional: uma tessitura coletiva na escola pública. In: MENEZES, Maria Cristina (Org.). **Educação, memória, história: possibilidades, leituras**. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

_____. Imagens entrecruzadas de infância e de produção de conhecimento histórico em Walter Benjamin. In Goulart de Faria, Ana Lúcia; Fabri,



Zeila de Brito; Prado, Patrícia Dias (org.) **Por uma cultura da infância. Metodologias de pesquisa com crianças.** Campinas, SP: Autores Associados, p.48-68, 2002.

------. Memória, tempo e História: perspectivas teórico-metodológicas para a pesquisa em ensino de história. In **Cadernos CEOM**, n.28, Chapecó, SC: Unochapecó, 2008Bb.

GAY, Peter. **A experiência burguesa. Da Rainha Vitória a Freud: a educação dos sentidos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

HOMERO. **Odisseia.** Tradução de Antônio Pinto de Carvalho.. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

MATOS, Olgária. **Os arcanos do inteiramente outro.** São Pulo: Brasiliense. 1989.

SEIXAS, Jacy Alves. A imaginação do outro e as subjetividades narcísicas: um olhar sobre a invisibilidade contemporânea [o Mal-Estar de Flaubert no Orkut]. In: NAXARA, Márcia R. C.; MARSON, Izabel A.; MAGALHÃES, Marion B. de. (Org.). **Figurações do outro na história.** Uberlândia: EDUFU, 2009.

THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros.** Rio de Janeiro-RJ: Zahar, 1981.

THOMPSON, E. P. **A Formação da Classe Operária Inglesa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.